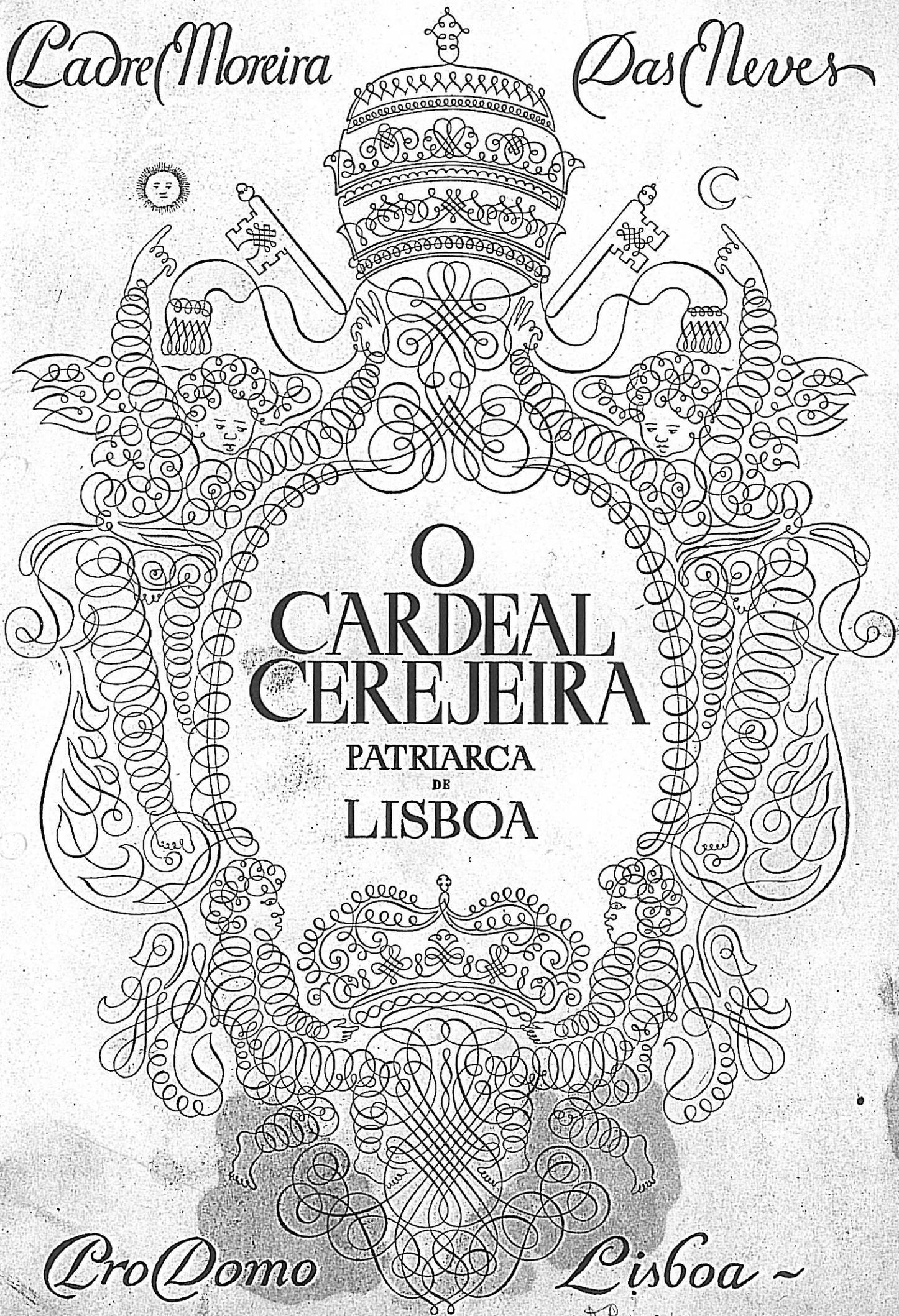


*Cadre Moreira*

*Das Neves*



**O  
CARDEAL  
CEREJEIRA  
PATRIARCA  
DE  
LISBOA**

*Pro Domo*

*Lisboa ~*

*Nataf 1948*



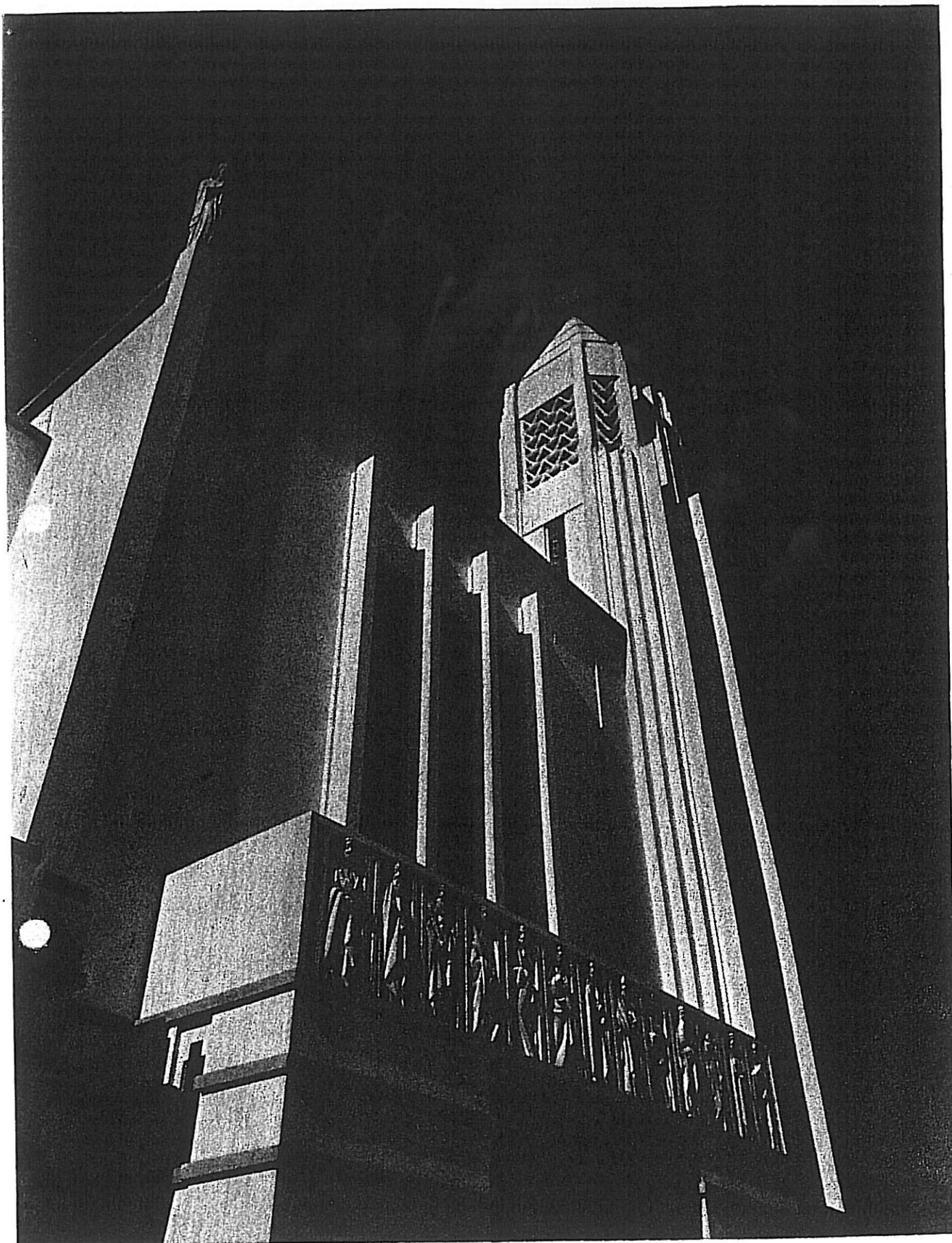
*... a virtude louvada vive e cresce  
E o louvor altos casos persuade  
Camões*

que é uma das dependências mais interessantes do edifício, pelo seu aspecto monástico, ao mesmo tempo sólido e simples. Candeeiros à antiga portuguesa dão graça ao ambiente e afirmam a delicadeza de quem dirigiu as obras. A capela-mor da igreja é um poema de mármore, na sua riqueza de mosaicos florentinos. Em 1942 o Governo da Nação restituiu ao Patriarcado a parte do edifício que durante muitos anos funcionou como liceu. O Seminário de Santarém é hoje, por iniciativa e esforço do Cardeal Cerejeira, um dos melhores de Portugal.

## A OBRA DAS VOCAÇÕES E DOS SEMINÁRIOS

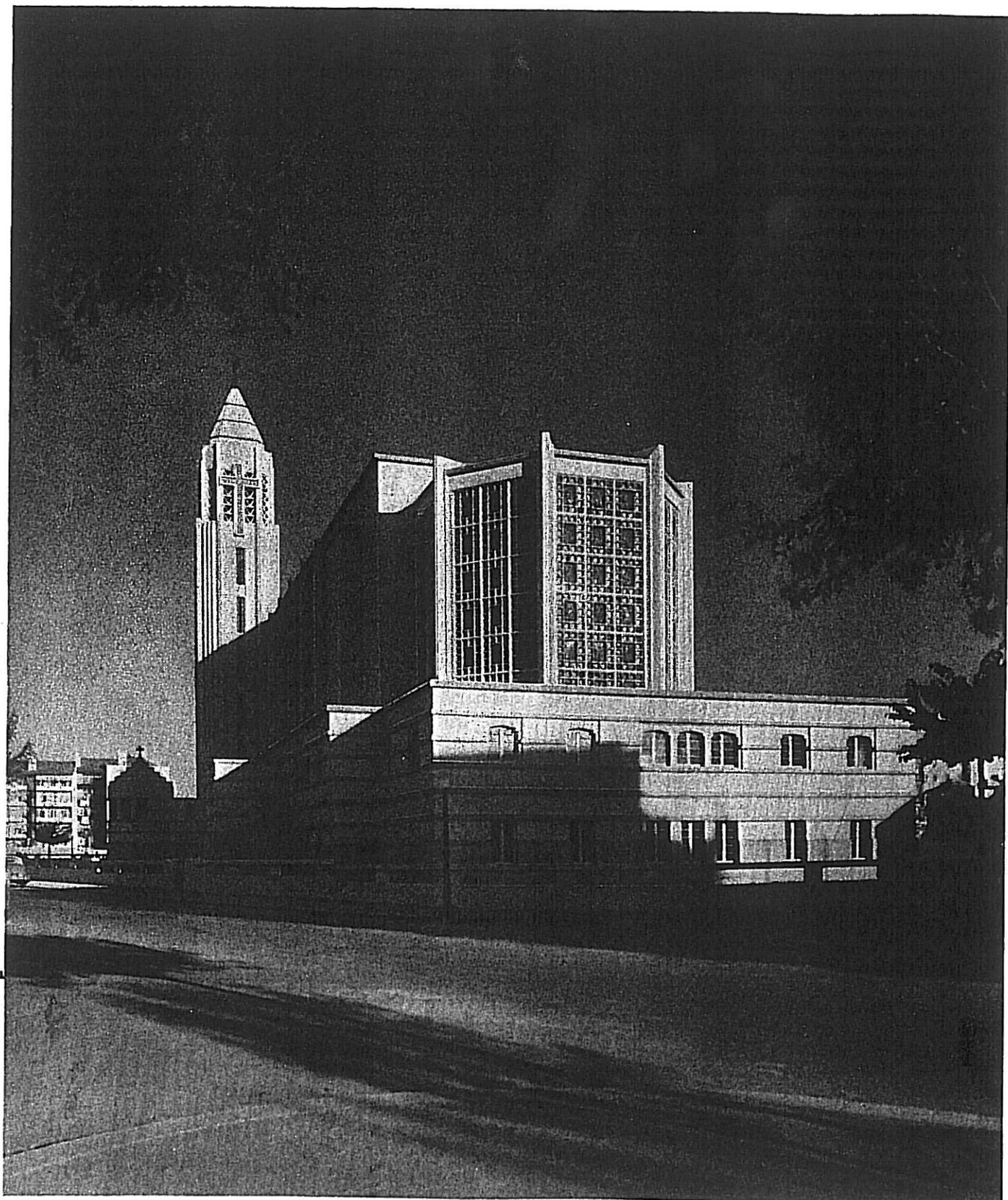
A par da obra material dos seminários do Patriarcado, empenhou-se o Cardeal Cerejeira desde o princípio do seu Pontificado numa obra admirável de propaganda e de socorro espiritual: a Obra das Vocações e dos Seminários. O que ela tem conseguido dava já um grande Livro de Ouro. Criando-a e dando-lhe estatutos, teve em vista o Patriarca de Lisboa organizar uma verdadeira cruzada de oração e meios, em favor do Clero novo. É escutar o seu apêlo, na Pastoral de 8 de Dezembro de 1935: «Diante das enormes necessidades — que aumentarão na própria medida em que as fordes satisfazendo — confessamos que, para não desanimar, é necessário ter fé cega na Providência. Esta obra não é uma obra particular: é a «obra do Patriarcado». Está antes e acima de todas as mais. Dela depende toda a vida cristã».

Para a tornar mais efectiva e fecunda, instituiu em 1931 a «Semana dos Seminários», pedindo um duplo auxílio: — espiritual e material. Espiritual pelas orações e sacrifícios oferecidos, por todas as almas amigas de Deus, em favor dos seminários. Material, pelo concurso generoso de esmolas e dádivas. Ainda outra obra: a das Bolsas de estudo. Esta não partiu do Cardeal Cerejeira. Foi-lhe entregue como lembrança do seu Jubileu sacerdotal. Deve ter sido uma das primeiras compensações do seu apostolado. Outra compensação, dão-lha



*Frontaria da igreja de Nossa Senhora de Fátima.*

*Fachada posterior.*



as vocações tardias e de escol que têm surgido à sua roda, como: delegados do Ministério Público, médicos, licenciados em Direito e Ciências Económicas, engenheiros-agrónomos, alunos do Instituto Superior Técnico etc. A própria nobreza deu já vários representantes à Igreja. Não foi o Cardeal de Paris que declarou não precisar de um novo pequeno Seminário, porque todos os anos lhe iam dos colégios, liceus e universidades mais vocações do que do seu Seminário menor?



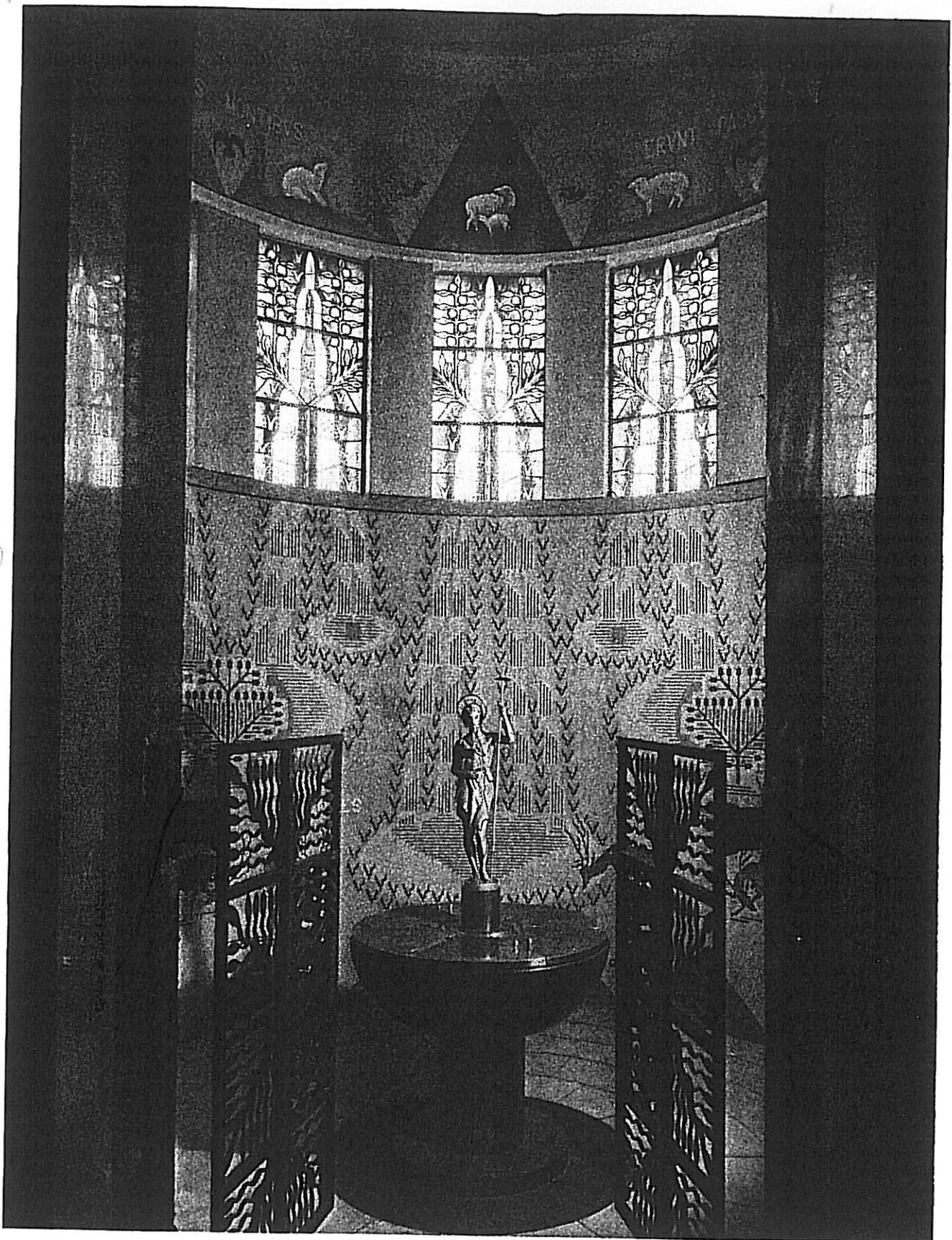


## CAPÍTULO VI

# PELA ARTE RELIGIOSA



actividade apostólica do Cardeal Cerejeira abrange todos os domínios da vida onde se projecte a luz de Deus e onde a inquietação dramática das almas seja uma súplica de paz, de verdade e de beleza. Se a obra dos Seminários é a primeira no seu coração, outras o solicitaram sempre, e a nenhuma negou jamais o seu concurso. E como a Arte pode ser um adjutório da Fé na elevação do homem através da contemplação das divinas formosuras, quis êle também servir-se da Arte para melhor servir o rebanho confiado ao seu Báculo. Foi o que fêz, mandando construir, num dos novos bairros de Lisboa, a igreja de Nossa Senhora de Fátima, em substituição da igreja de S. Julião, adquirida pelo Banco de Portugal para alargamento das suas instalações na parte baixa da cidade. Escolhido o local para o novo templo num terreno contornado pelas Avenidas de Berna, Marquês de Tomar, Barbosa du Bocage e Rua do Poeta Mistral, depressa se iniciaram os trabalhos, pois com o tempo que se perdesse era o interesse das almas que mais perdia. Inaugurava-se solenemente a nova igreja no dia 13 de Outu-



*Igreja de N. Senhora de Fátima — O Baptistério.*

*Igreja de N. Senhora de Fátima — Retábulo, de Leopoldo de Almeida,  
na capela mortuária.*



bro de 1938. Conforme ele próprio escrevera, pretendia o Cardeal Cerejeira que a igreja de Nossa Senhora de Fátima satisfizesse a estas três condições: — ser uma igreja, ser uma igreja moderna, ser uma igreja moderna bela: «Em nenhuma outra igreja até hoje construída entre nós, se traduziu tão marcadamente (que saibamos), logo na concepção architectónica, a vida sacramental. Cremos ter-se aqui realizado, com felicidade, o que ousaríamos chamar uma igreja litúrgica, se todas o não devessem ser»; «quanto a ser moderna, não compreendemos sequer que pudesse ser outra coisa...; igreja dos nossos dias, devia traduzir, em quanto lho permitisse o carácter sacro e finalidade cultural, as expressões da técnica e da arte contemporâneas»; «quanto a ser bela a igreja, nós cremos sinceramente que ficará como uma das mais belas igrejas modernas que conhecemos. E muitas conhecemos já — na América, na França, na Bélgica e na Itália».

A composição da igreja abrange uma grande nave, completamente livre de quaisquer elementos estruturais, com uns 18 metros de largo e comportando cerca de 800 pessoas sentadas; dois colaterais, a ábside, seis capelas laterais, baptistério, capela mortuária, côro, sacristia, etc. Os arcos principais têm de vão 17,20 metros e 22 metros de altura máxima acima do terreno primitivo. A torre pesa cerca de 300 toneladas. O altar-mor, ao centro da ábside, encosta-se à base do trono e é constituído por um bloco único de mármore negro. Por detrás está o trono, inteiramente à vista dos fiéis. O côro, dentro do estilo tradicional português, comporta um órgão de dois corpos, accionado electricamente.

Para que a nova igreja fôsse uma realidade, o primeiro a sonhar e a trabalhar foi o Cardeal Cerejeira, dando ordens, directrizes e sugestões, interessando-se pelos mínimos pormenores em todas as fases da construção. Num rasgo de compreensão admirável, ofereceu aos artistas a maior liberdade dentro das exigências canónicas e da disciplina litúrgica. Mostrou o de-

sejo de que fôsem apenas êles próprios, mesmo com risco de escandalizarem certo farisaísmo muito comum e teimoso. E os artistas cumpriram, cada um segundo a sua formação e o seu temperamento. Foram êles: Pardal Monteiro, autor do projecto, com a colaboração dos architectos Rodrigues Lima, João Faria da Costa, António Martins e Fernando Batalha; engenheiros Ricardo Teixeira Duarte e José Belard da Fonseca; construtor Diamantino Tojal; mestre vidreiro Ricardo Leone; industrial Júlio Ferry Borges; mestre de estucadores Osório Soeiro; mestre Domingos Souto na pintura industrial;

*Terminada a nova igreja - a primeira erguida à Senhora da Fátima na cabeça do Império - o Pastor apela a pedir a Mãe de Jesus a primeira bênção para todos os que a este monumento de Fé e de Arte deram o seu pensamento e o seu labor.*

*Igreja nova - Deus a faça testemunho e símbolo de nova era de ressurgimento religioso e social na Terra de Santa Maria.*

*12 de Outubro de 1938.*



*Igreja de Nossa Senhora de Fátima — Passo da Via-Sacra,  
de Henrique Franco.*

estatuário António Máximo Ribeiro; Almada Negreiros, autor dos vitrais e desenhos decorativos; Henrique Franco, nos quadros da Via-Sacra; Lino António em vários frescos; o escultor Francisco Franco, no Apostolário que tão nobremente enriquece a frontaria; o escultor António da Costa, autor da imagem de Nossa Senhora de Fátima que domina a fachada; o Professor Leopoldo de Almeida, que fez a imagem da Pa-



*Casa mortuária — Vitrail de Almada Negreiros.*

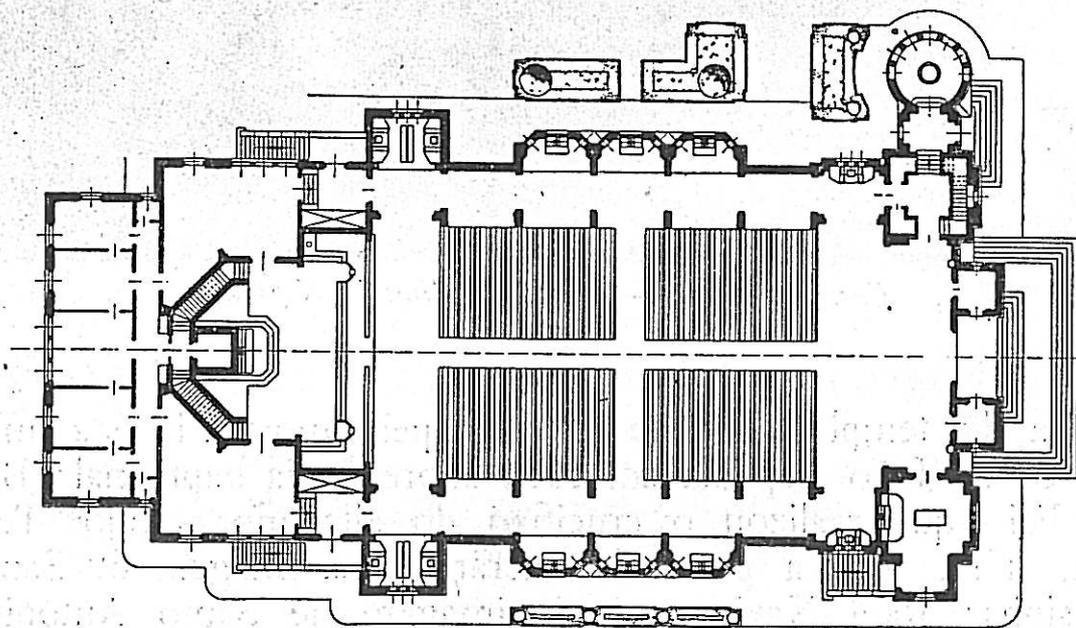
droeira do templo, o retábulo da capela mortuária e a imagem de S. João Baptista colocada sobre a pia baptismal; Barata Feio que realizou o crucifixo do altar-mor; Anjos Teixeira, filho, para a porta do sacrário e a imagem de Santa Teresinha; Raúl Xavier para a imagem de Santo António. Pardal Monteiro encontrou ainda dedicados auxiliares em

Dom Martin, monge beneditino belga, e Monsenhor Pereira dos Reis, dois grandes teólogos e artistas.

Afirmou D. Manuel Cerejeira que a igreja de Nossa Senhora de Fátima ficou fazendo parte do património da Religião e da Arte. É verdade. Mas é verdade também que ela brotou da sua audácia como um grito santamente revolucionário contra os arrebiques de estuque e pedra fingida que desde o século XVIII nos envergonhavam. Com razão se gravou no sino maior da tórre esta legenda:

DONUM: EMMANUELIS: CARDINALIS: CEREJEIRA: OLISIPONENSIS.

Na plena visão das urgências da época, outras igrejas farã erguer o seu génio. E todas integradas religiosamente na Arte. É que a Arte verdadeira é uma expressão do Deus Verdadeiro. A lira de Orfeu permanecia incompleta, enquanto lhe não tocaram nas cordas doiradas os dedos de Jesus...

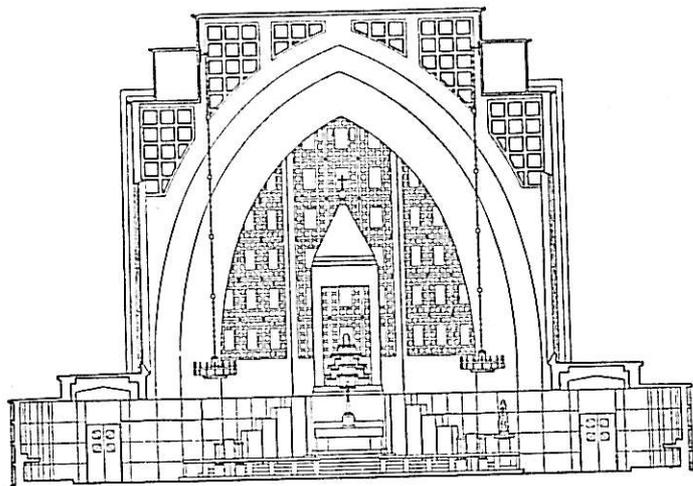


*Planta da Igreja de N. Senhora de Fátima.*



Apesar de todos os esforços para a recuperação do sentido litúrgico da vida, perdido nas cavalladas da anarquia romântico-liberal, continuamos, em muitos aspectos, sob a influência dos séculos XVIII e XIX.

«O liberalismo, acertadamente observa António Sérgio, traduz-se numa subversão total das tradições ar-



*Igreja da N. Senhora de Fátima — Corte.*

tísticas nacionais: é a invasão de uma burguesia bárbara, que desbarata o património artístico, destroi monumentos. . . ».

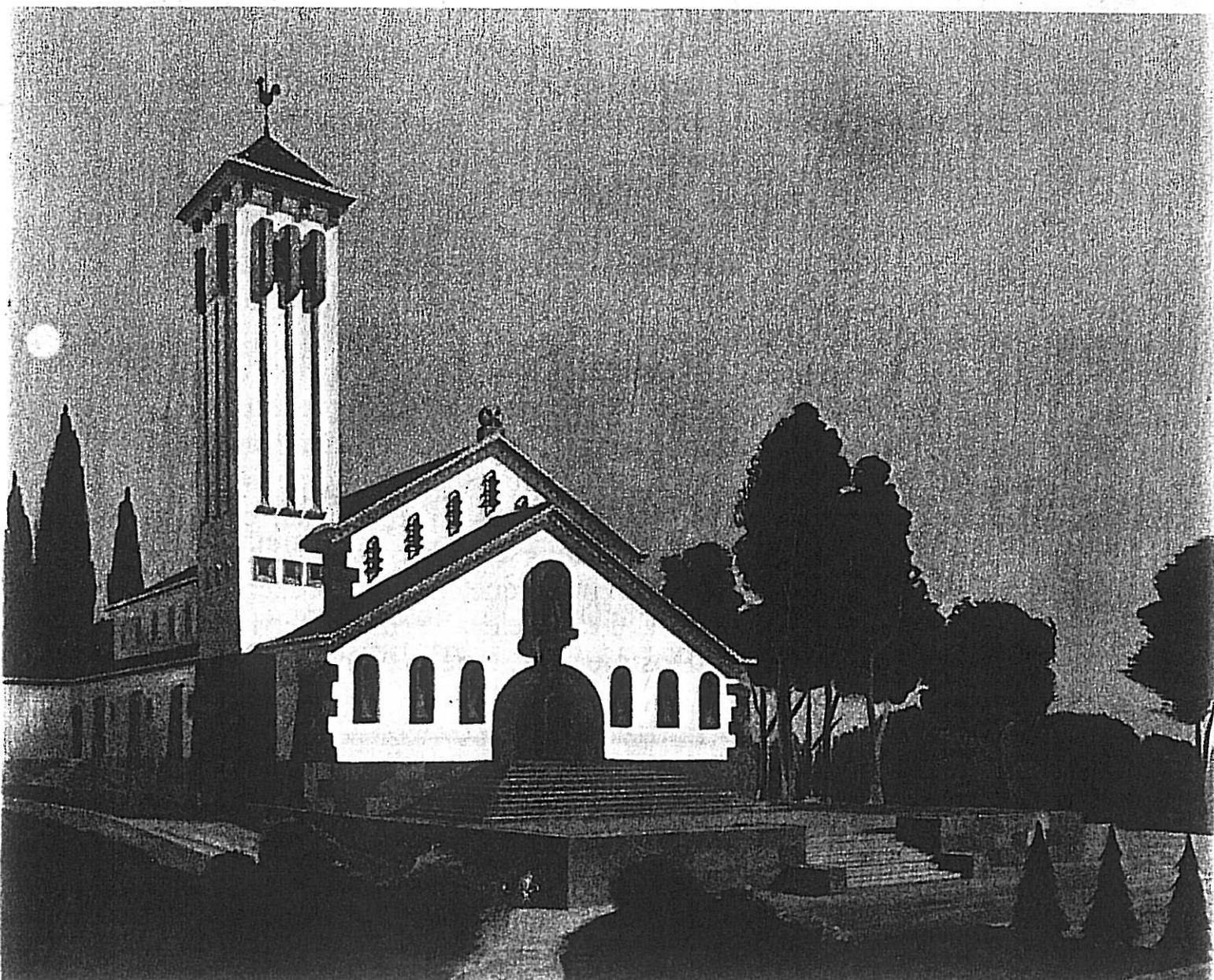
O Patriarcado de Lisboa não escapou ao devastador delírio dos vândalos. O cemitério de almas que ele é, está reflectido e simbolizado noutra cemitério: o de tantas pedras sagradas que mãos sem honra mutilaram, ou desmazelos e inadvertências deixaram até hoje na melancolia dos grandes abandonos. Ora, o povo não compreende a dignidade da religião sem templos dignos, como não compreende a instituição familiar sem o complemento natural da lareira. O santuário paroquial é uma extensão da cozinha onde o pão se amassa, do quarto de dormir onde se repousa e sonha, e da varanda florida donde se olha para o céu.

É na igreja que todos se juntam. Todos — os vivos e os mortos. Chateaubriand não falava apenas para os poetas, quando dizia que a França se empobrecia e descaracterizava, se lhe abafassem a voz dos sinos e lhe roubassem as agulhas dos campanários. Mas as igrejas, só em casos excepcionais, como na era das catacumbas, podem ser estrebarias ou palheiros desmantelados. Pelas funções divinas que nelas se exercem, supõem pureza e beleza. E se é na beleza, sempre terrível e angustiosa, como escreveu Dostoiewsky, que o demónio entra

em luta com Deus, desprezar a beleza, de que a Arte é expressão cromática, geométrica e musical, corresponderia a fugir de um campo de batalha—o que seria trair o próprio carácter cristão.

Por isso se empenha o Cardeal Cerejeira na restauração das igrejas arruinadas e na construção de novos templos, o primeiro dos quais fôra o erguido, na capital do Império, em louvor de Nossa Senhora de Fátima e, segundo o seu próprio pensamento, «é obra de humildade da matéria servindo a Deus sem affectação nem artifício; é obra de respeito pela natureza do material que se não desfigura nem encobre, mas se acha digno de servir ao culto do Deus de verdade que o criou; é obra de verdade na expressão que toma, não repe-

*Projecto da igreja dos Riachos.*





*Projecto da nova igreja de S. Pedro do Estoril.*

tindo fórmulas usadas quanto já falhas de sentido. Igreja moderna, pois quer servir a Deus, Beleza eterna, sempre velha e sempre nova, na linguagem artística do nosso tempo. Aliás sempre foram modernas todas as formas artísticas do passado

em relação ao seu tempo; e nunca foram introduzidas sem protesto as formas novas de uma arte viva...»

Dentro do mesmo critério estão projectadas as igrejas de Santa Teresinha, Coração de Maria, Santo Condestável e S. João de Brito, na cidade de Lisboa; e as igrejas de S. Pedro do Estoril, Algés, Parede, Paço de Arcos, Amadora, Riachos e outras.

Depois do dilúvio, é preciso construir.

